

O EGOMANIACO

TOP
SEL
LER

Arrogante, vaidoso
e egocêntrico.
Sim, talvez...
Mas absolutamente
irresistível!

N.º 1 do New York Times

VI KEELAND

Mais de um milhão de livros vendidos

*Às vezes, o que procuramos vem ao nosso encontro
quando menos esperamos.*

— Autor desconhecido

Um

Drew

*D*etesta a *Véspera de Ano Novo*.

Após duas horas no trânsito, nem os 14 quilómetros do aeroporto de La Guardia até casa consegui fazer. Já passava das dez da noite. Porque não estaria já toda aquela gente numa festa qualquer? A tensão libertada durante as duas semanas que passara no Havai estava de novo a acumular-se dentro de mim, à medida que o carro se aproximava, lentamente, da alta da cidade.

Tentei não pensar na carga de trabalho que me esperava — o interminável desfile de problemas alheios:

Ela traiu-me.

Ele traiu-me.

Quero a custódia total dos meus filhos.

Ela não pode ficar com a casa em Vail.

Ela só quer o meu dinheiro.

Há três anos que ela não me faz um broche. Escuta, meu imbecil: tens 50 anos, estás careca, és um presunçoso e pareces um ovo. Ela tem 23 anos, é sexy e tem um par de mamas tão firmes que lhe chegam praticamente ao queixo. Queres salvar o teu casamento? Leva dez mil dólares, em notas novas, para casa, e pede-lhe que se ajoelhe. Conseguirás o teu broche e ela terá dinheiro para gastar. Não vamos agora fazer de conta que alguma vez foi mais do que isso. Não te interessa? Ao contrário da tua futura ex-mulher,

eu aceito cheques. Podes passá-los à ordem de Drew M. Jagger, Advogado.

Massajei a nuca. Estava a sentir-me ligeiramente claustrofóbico, no banco traseiro do *Uber*. Olhei através da janela. Uma velhota com um andarilho passou-nos à frente.

— Vou sair aqui — disse eu ao motorista.

— Mas o senhor não traz bagagem consigo?

Eu estava já a sair do carro.

— Abra o porta-bagagens. Também não estamos propriamente a andar, pois não?

O trânsito estava completamente parado e o meu apartamento ficava apenas a dois quarteirões dali. Dei uma gorjeta de cem dólares ao motorista, tirei o meu trólei do porta-bagagens do carro e inspirei o ar de Manhattan. Amava aquela cidade tanto quanto a odiava.

O número 575 da Park Avenue era um edifício anterior à guerra que tinha sido restaurado. Ficava na esquina da 63rd Street, e as pessoas alimentavam noções preconcebidas acerca de quem ali morava. Alguém com o mesmo apelido do que eu vivera no edifício antes de este se converter num dispendioso condomínio, motivo pelo qual consegui manter o meu escritório no rés do chão, ao contrário de outros inquilinos comerciais, que tinham sido dali corridos há anos. Tinha também um apartamento no último andar.

— Bem-vindo de volta, Sr. Jagger. — disse o porteiro de uniforme, cumprimentando-me ao abrir-me a porta do átrio.

— Obrigada, Ed. Perdi alguma coisa enquanto estive fora?

— *Naa*. Tudo na mesma. Mas fui dar uma olhadela às suas obras, há dias. Aquilo está com bom aspeto.

— Eles estão a utilizar a entrada de serviço da 63rd, como previsto?

O Ed acenou afirmativamente.

— Estão, sim senhor. Mal os tenho ouvido nos últimos dias.

Deixei a bagagem no meu apartamento e voltei a descer no elevador, para ir ver como estava tudo.

Nas últimas duas semanas, enquanto eu relaxava em Honolulu, o meu escritório fora completamente remodelado. A obra incluía a reparação das rachas nos tetos altos, bem como a pintura destes e a substituição do velho soalho de parquet.

Quando entrei, verifiquei que todas as portas interiores continuavam protegidas por plástico grosso, e as poucas peças de mobiliário que não guardara num armazém continuavam também cobertas por oleados. *Merda. Ainda não terminaram.* O empreiteiro assegurara-me de que, quando eu regressasse, teriam apenas acabamentos a fazer. O meu ceticismo não era infundado.

Porém, ao acender as luzes, verifiquei com satisfação que as obras do átrio estavam totalmente terminadas. Finalmente, uma véspera de Ano Novo sem surpresas desagradáveis.

Dei uma rápida olhadela em redor, satisfeito com o que vi, e, justamente quando estava para sair, reparei numa luz por baixo da porta de uma pequena sala de arquivo, ao fundo do corredor.

Não lhe dei grande importância e fui apagá-la.

Ora bem, eu meço um metro e noventa e peso noventa e três quilos. Talvez tenha sido pelo meu estado de espírito, ou pelo facto de não esperar ver ali ninguém, mas o certo é que apanhei um grande susto quando abri a porta da sala de arquivos e a vi ali.

Ela gritou.

E eu recuei um passo.

Ela levantou-se, subiu para cima da cadeira e começou a gritar comigo, a acenar com o telemóvel no ar.

— Eu chamo a polícia! — Os dedos tremiam-lhe ao carregar duas vezes no 1, mas depois ficou com o dedo a pairar sobre o 2. — Se sair imediatamente, eu não chamo a polícia!

Eu poderia tê-la atacado, e ter-lhe-ia arrancado o telemóvel da mão antes que ela percebesse que não marcara o último dígito, mas parecia de tal forma apavorada que eu dei mais um passo atrás, erguendo ambas as mãos, num gesto de rendição.

— Eu não lhe vou fazer mal — disse eu, no tom mais tranquilizador e calmo possível. — Não precisa de chamar a polícia. Isto é o meu escritório.

— Acha-me com cara de estúpida? Acaba de invadir o *meu* escritório.

— O *seu* escritório? Cá para mim perdeu-se a caminho do hospício.

Ela vacilou em cima da cadeira e abriu ambos os braços para recuperar o equilíbrio e depois... a saia escorregou-lhe para os pés.

— Fora! — disse ela. Curvou-se para agarrar na saia e puxou-a até à cintura, virando-se de novo para mim.

— Está a tomar alguma medicação, *minha senhora*?

— *Medicação? Minha senhora?* Está a brincar comigo?

— Sabe que mais? — disse eu, apontando para o telefone que ela ainda tinha na mão. — Se fosse a si, marcava o último número e chamava a polícia. Eles poderão levá-la de novo para o manicomio de onde fugiu.

Ela arregalou os olhos.

Agora que estava a observá-la melhor, era uma maluca bem gira. O cabelo cor de fogo, preso no alto da cabeça, parecia condizer na perfeição com sua personalidade explosiva. Acho, porém, que fiz bem em não lho dizer, a avaliar pela cólera estampada naqueles olhos azuis.

Ela carregou, finalmente, no 2 e comunicou à polícia que lhe tinham invadido o escritório.

— Quero comunicar um assalto.

— Um assalto? — Eu arqueei uma sobrancelha e olhei em redor. As únicas peças de mobiliário que lá estavam era uma velha cadeira desdobrável e uma mesa de campismo de metal.

— O que estou eu a roubar-lhe exatamente? A sua personalidade de campeã?

Ela corrigiu a queixa que estava a fazer à polícia.

— Arrombamento e invasão de propriedade. Quero comunicar um arrombamento e invasão de propriedade, no número 575 da Park Avenue. — Fez uma pausa e ficou a ouvir. — Não, não creio que ele esteja armado, mas é grande. *Muito grande, mesmo.* Deve ter pelo menos um metro e oitenta. Talvez mais.

Eu sorri afetadamente.

— E forte. Não se esqueça de lhes dizer que eu também sou forte. Quer que faça músculo? Diga-lhes também que tenho olhos verdes. Não quero que a polícia me confunda com a *perigosa ladra* que anda pelo *meu escritório*.

Depois de desligar, continuou em cima da cadeira, a olhar-me, furiosa.

— Havia aqui algum rato? — perguntei-lhe eu.

— Um rato?

— Parece, pelo modo como saltou para cima da cadeira... — Ri-me baixinho.

— Está a achar piada a isto?

— Por estranho que pareça, estou, e não faço ideia do porquê. Devia ter ficado irritadíssimo, ao regressar das minhas férias de duas semanas e encontrar uma intrusa no meu escritório.

— Intrusa? Eu não sou nenhuma intrusa. Este é o meu escritório. Mudei-me para cá há uma semana.

Voltou a desequilibrar-se em cima da cadeira.

— Porque não desce daí? Ainda acaba por cair e magoar-se.

— Como é que eu sei que não me vai atacar quando eu descer? Abanei a cabeça e contive uma gargalhada.

— Querida, pense no meu tamanho e pense no seu. Ficar de pé em cima dessa cadeira não a protege de coisa alguma. Se eu a quisesse atacar, já estaria caída no chão, inconsciente.

— Eu treino a arte marcial de Krav Maga duas vezes por semana.

— Duas vezes por semana? A sério? Obrigado por me prevenir.

— Escusa de me ridicularizar, porque eu *poderia* até magoá-lo. Para intruso está a ser bastante grosseiro, sabe?

— Deça daí.

Depois de nos olharmos fixamente durante alguns instantes, ela desceu da cadeira.

— Vê? Está tão segura no chão como estava ali em cima.

— O que quer daqui?

— Não chamou a polícia, pois não? Por instantes, quase me convenceu disso.

— Não, mas posso chamar.

— Porque haveria de fazer isso? Para que a prendessem por arrombamento e invasão?

Ela apontou para a secretária improvisada e eu reparei, pela primeira vez, que esta estava cheia de documentos espalhados.

— Eu já lhe disse que este é o meu escritório. Estou a fazer serão hoje à noite, porque o pessoal da obra fez tanto barulho durante o dia que eu não consegui terminar o que precisava. Porque iria alguém arrombar e invadir um escritório para *trabalhar* às dez e meia da noite, em véspera de Ano Novo?

O pessoal da obra? *O pessoal da minha obra*? Algo de errado se passava ali.

— Esteve aqui hoje, com o pessoal da obra?

— Sim.

Eu cocei o queixo, pois em parte acreditei nela.

— Como se chama o encarregado?

— Tommy.

Merda. Ela estava a dizer a verdade. Bom, pelo menos uma parte devia ser verdade.

— Disse que se mudou para cá há uma semana?

— Exato.

— E a quem arrendou o espaço, exatamente?

— Ao John Cougar.

Desta vez, arqueei ambas as sobrancelhas.

— Ao John Cougar? Por acaso ele abdicou do apelido Mellencamp¹?

— Como quer que eu saiba?

Aquilo não me estava a cheirar bem.

— E pagou a esse John Cougar?

— Claro. É assim que funcionam os alugueres de escritórios. Dois meses de caução e o primeiro e último mês de renda.

Eu fechei os olhos e abanei a cabeça.

— Merda!

¹ John Cougar Mellencamp – Cantor, compositor e guitarrista. [N.T.]

— O que se passa?

— Foi enganada. Quanto lhe custou tudo isso? A caução e o primeiro e último mês de renda? Os quatro meses no total?

— Dez mil dólares.

— Por favor, diga-me que não pagou em dinheiro.

Algo lhe fez, finalmente, sentido e o seu rosto bonito empalideceu.

— Ele disse que o banco dele estava fechado ao fim da tarde, que não me podia dar as chaves enquanto o cheque não fosse creditado na conta, e que se eu lhe pagasse em dinheiro poderia mudar-me imediatamente para aqui.

— Pagou *quarenta mil dólares* em dinheiro ao John Cougar?

— Não!

— Graças a Deus.

— Paguei-lhe dez mil dólares em dinheiro.

— Julgava que tinha dito que lhe pagara quatro meses.

— E paguei. Eram dois mil e quinhentos dólares por mês.

Aquilo foi a gota de água. De todos os disparates que ouvira até então, pensar que conseguia arrendar um espaço em Park Avenue por dois mil e quinhentos dólares por mês foi a cereja no cimo do bolo, e eu tive um ataque de riso.

— Qual é a graça?

— Não é de Nova Iorque, pois não?

— Não. Acabei de me mudar de Oklahoma. O que tem isso que ver com o caso?

Eu dei um passo na direção dela.

— Detesto ter de ser eu a dar-lhe esta notícia, Oklahoma, mas foi roubada. Este é o meu escritório. Estou aqui há três anos. E o meu pai esteve outros 30 antes de mim. Eu estive de férias nas duas últimas semanas e mandei remodelar o escritório enquanto estive fora. Alguém que usou o nome de um cantor enganou-a, convencendo-a a pagar em *dinheiro vivo*, para arrendar um escritório que não tinha o direito de arrendar. O porteiro chama-se Ed. Se passar pela entrada principal do edifício, ele poderá confirmar-lhe tudo o que acabei de dizer.

— Não pode ser.

— Qual é a sua profissão, para precisar de um escritório?

— Sou psicóloga.

Eu estendi-lhe a mão.

— Eu sou advogado. Deixe-me ver o seu contrato.

Ela ficou com uma expressão de desalento.

— Ele ainda não o trouxe. Disse que o senhorio estava de férias no Brasil, mas que eu podia mudar-me e que ele viria cá, no primeiro dia do mês, para receber a renda e trazer-me o contrato para eu assinar.

— Foi enrolada.

— Mas eu paguei-lhe dez mil dólares!

— O que também deveria tê-la deixado desconfiada. Nem um armário conseguiria arrendar em Park Avenue por dois mil e quinhentos dólares por mês. Não estranhou conseguir um sítio destes quase de graça?

— Julguei que estava a fazer um bom negócio.

Eu abanei a cabeça.

— E que negócio! Caiu no conto do vigário.

Ela tapou a boca com a mão.

— Acho que vou vomitar.

Dois

Emerie

Mas que idiota que eu me senti.
Alguém bateu ao de leve na porta da casa de banho.
— Está tudo bem aí dentro?

— Estou bem. — Envergonhada, a sentir-me estúpida e ingénua, *completamente falida*, mas bem.

Lavei a cara e olhei-me ao espelho. O que raio iria eu fazer agora? A minha linha telefónica ia ser finalmente instalada esta semana e o meu papel timbrado entregue. *O meu lindo papel timbrado*. Com o bonito logótipo e o meu novo endereço chique, em Park Avenue. *Ui*. Mais 250 dólares desperdiçados. Baixei a cabeça e fiquei de olhos pregados no lavatório, incapaz de olhar para a minha cara de idiota.

Por fim, entreabri a porta da casa de banho e saí. O verdadeiro inquilino do espaço estava encostado à parede, à minha espera. É claro que tinha de ser lindo de morrer. Não podia mortificar-me diante de um homem feio. *De maneira nenhuma*.

— Tem a certeza de que está bem?

Eu evitei olhá-lo nos olhos.

— Não estou, mas vou ficar. — Hesitei antes de prosseguir. — Não se importa que eu volte para o meu gabinete... isto é... para o *seu* gabinete... e arrume as minhas coisas?

— Claro. Sem pressas.

Não havia muito para arrumar. Toda a minha mobília seria também entregue nessa semana. Bem como as pastas que tinha num armazém. Teria também de cancelar essa entrega. Onde raio iria eu pôr tudo? O meu apartamento era pouco maior do que a sala de arquivo onde estivera sentada.

Enquanto colocava os meus últimos pertences dentro da caixa onde os trouxera, o verdadeiro inquilino do espaço apareceu à entrada da porta, mas eu falei antes que ele pudesse dizer alguma coisa.

— Lamento muito... por ter caído neste esquema e por ameaçar chamar a polícia por sua causa.

— Não se esqueça de que ameaçou atacar-me com as suas terríveis técnicas de Krav Maga.

Eu levantei os olhos e vi-o sorrir afetadamente. Bela vista. *Demasiado bela.* O seu rosto atraente estava a deixar-me nervosa, embora não o tipo de nervosismo capaz de me compelir a subir para uma cadeira e chamar a polícia. Não. O sorriso daquele homem era arrogante e estava a afetar-me os joelhos... e não só.

— Eu treino realmente Krav Maga, sabe?

— Que bom para si! Assustou-me um pouco quando entrei. Aposto que consegue dar uma sova valente a uma miúda pequena.

Eu parei por instantes de arrumar as coisas.

— Dar uma sova a uma miúda pequena? O meu instrutor é um homem.

Ele cruzou os braços sobre o peito. *Aquele peito largo e musculoso.*

— Há quanto tempo treina?

— Há quase três meses.

— Não conseguiria derrubar um homem do meu tamanho com três meses de treino de Krav Maga.

Talvez fosse da hora tardia ou da constatação de que fora enganada e despojada do dinheiro que poupava durante toda uma vida, ou de estar sem escritório e sem forma de receber os meus pacientes, mas perdi a cabeça e ataquei a pobre criatura incauta. Saltei para cima da cadeira, depois para cima da mesa de campismo e atirei-me para cima dele. *Atirei-me literalmente para cima dele.*

Mas, apesar de o ter apanhado de surpresa, ele imobilizou-me completamente, num abrir e fechar de olhos. Nem sequer percebi bem que movimento ele fizera. Conseguira, de alguma forma, virar-me ao contrário de modo a que eu ficasse de costas para ele, com os braços presos entre o meu corpo e o dele.

Irritou-me perceber que não estava sequer ofegante quando falou. A sua respiração fez-me cócegas no pescoço e ele manteve-me firmemente presa, dizendo num tom de voz baixo e controlado:

— O que foi isso?

— Estava a tentar mostrar-lhe algumas das minhas técnicas.

Senti-o abanar o corpo atrás de mim, embora não ouvisse qualquer som.

— Está a rir-se de mim? *Outra vez?*

Ele respondeu-me entre gargalhadas.

— Não.

— Eu domino algumas técnicas, garanto-lhe, só que hoje estou um pouco estranha, por tudo o que aconteceu.

Ele ainda não me largara. Em vez disso, inclinou-se para a frente, colocou a cabeça sobre o meu ombro e disse:

— Já que estamos em maré de nos exibirmos, eu terei o maior gosto em mostrar-lhe também algumas das minhas técnicas.

Todos os meus pelos se arrepiaram e fiquei com pele de galinha.

— Hum... eu... eu...

Ele largou-me e eu demorei quase um minuto a recompor-me. Mantive-me de costas para ele, para não ter de o encarar corada como estava, e reuni o resto das minhas coisas, tirando o carregador da tomada na parede.

— Tenho entregas agendadas e a minha linha telefónica vai ser instalada na terça-feira. — Voltei a descair os ombros. — Paguei a dobrar à empresa de entregas para que fizesse a entrega também esta semana. Cancelarei tudo amanhã, à primeira hora, mas se por acaso eles aparecerem... e aqui estiver, importa-se de os mandar embora?

— Claro.

— Obrigada — Ergui a caixa com as minhas coisas e não tive outro remédio senão encará-lo.

Ele contornou a mesa, veio ao meu encontro, tirou-me a caixa das mãos, e conduziu-me depois à receção. O resto do espaço estava às escuras, mas a luz da sala de arquivos que julgara ser minha era suficiente para nos vermos um ao outro no corredor. Parámos diante da porta de serviço que eu usara durante toda a semana e ocorreu-me, então, que o falso agente imobiliário me devia ter convencido a utilizar aquela entrada para não ser apanhado tão depressa. Dissera-me para não utilizar a entrada principal de Park Avenue porque o encarregado do edifício não queria que sujássemos o chão com a poeira que se agarrava aos sapatos durante as obras, e eu acreditara em tudo o que aquele vigarista me dissera.

— Tem nome, Oklahoma, ou deverei tratá-la simplesmente por intrusa?

— Emerie. Emerie Rose.

— Bonito nome. Rose é segundo nome ou apelido?

— Apelido.

Segurando a caixa, estendeu-me uma mão livre.

— Drew. Drew Michael.

Eu olhei-o de olhos semicerrados.

— Michael é segundo nome ou apelido?

O seu sorriso iluminou a penumbra quando lhe estendi a mão. Aquilo não eram covinhas, era clivagem oral.

— É segundo nome. O meu apelido é Jagger.

— Prazer em conhecer-te, Drew Jagger.

Ele não me largou a mão.

— É um prazer conhecer-me? A sério? Eu não seria tão educado como tu nas presentes circunstâncias.

— Tens razão. Neste momento, talvez preferisse que fosses realmente um assaltante.

— Tens carro? Já é tarde e esta caixa é bastante pesada.

— Não tem importância, eu apanho um táxi.

Ele acenou com a cabeça.

— É melhor teres cuidado a entrar e a sair. Essa saia parece ter vontade própria.

Corei de tal forma que nem a escuridão me valeu.

— Depois da humilhação desta noite, não podias, ao menos, deixar passar essa? Fazer de conta que não aconteceu?

Ele sorriu-me afetadamente.

— É impossível fingir que não vi esse rabo.

Eu era magra, mas o meu rabo era um nadinha avantajado. Sempre me sentira um pouco insegura com isso.

— O que é que isso quer dizer?

— Era um elogio.

— Ah, bom.

— Mas afinal, porque é que te caiu a saia? Perdeste peso ultimamente, ou coisa parecida?

Nessa altura, já nada me poderia causar mais embaraço do que aquele que eu já causara a mim própria, por isso dei uma gargalhada e contei-lhe a verdade:

— Comi um hambúrguer enorme e a saia estava a apertar-me, por isso abri-lhe o fecho. A porta estava trancada. Nunca me passou pela cabeça que alguém entrasse.

— Uma mulher que come hambúrgueres enormes consegue manter essa linha? Não contes isso a nenhuma nova-iorquina, que ela recambia-te de autocarro para Oklahoma — disse ele, piscando-me o olho. *E não é que senti o coração acelerar? Patético.*

Sáímos juntos e o Drew esperou até que um táxi parasse junto ao passeio, segurando-me na caixa. Depois de eu entrar, apoiou-se na porta.

— A véspera de Ano Novo é sempre horrível. Amanhã será melhor. Porque não ficas na cama, encomendas um grande hambúrguer, e aproveitas para descansar um pouco? Encontramo-nos na 19.^a esquadra da polícia, na 67th Street, depois de amanhã, por volta das oito da manhã, pode ser? No dia de Ano Novo a esquadra deve estar uma confusão, pois ainda devem estar a abrir processos aos bêbados da noite anterior.

Eu nem sequer pensara em ir à polícia, mas, de facto, precisava de apresentar queixa.

— Não tens de vir comigo. Já me intrometi demasiado na tua vida.

O Drew encolheu os ombros.

— De qualquer forma, eles vão querer o meu depoimento para o relatório. Além disso, eu sou amigo de alguns deles, o que poderá agilizar todo o processo.

— Está bem.

Bateu duas vezes com os nós dos dedos no tejadilho do táxi e inclinou-se para o interior para falar com o motorista.

— Cuide bem dela. Teve uma noite lixada.

Assim que o táxi mergulhou no trânsito, tudo o que acontecera na última hora me caiu em cima. A minha adrenalina disparara, mas estava a começar a cair a pique.

*Fui enganada e fiquei sem o dinheiro que poupei durante toda a vida.
Já não tenho escritório.*

Dei o meu novo endereço a todos os meus pacientes.

Sentia a cabeça num turbilhão.

Para onde irei agora?

Como poderei eu pagar uma caução, mesmo que encontre outro sítio a curto prazo?

Voltei a sentir-me nauseada, encostei a cabeça ao assento de cabedal, fechei os olhos e respirei fundo várias vezes. Mas, por estranho que pareça, a primeira imagem que me veio à cabeça foi a do homem atraente, de cabelo escuro e lábios carnudos, encostado à entrada do meu gabinete — isto é, à entrada do gabinete *dele* — e, mesmo em espiral descendente, no meio de um valente ataque de ansiedade, não pude deixar de esboçar um sorriso.

Três

Drew

Olhei para o mostrador do meu relógio. *Vinte minutos atrasada*. Ela era sexy, e o pouco que tenho de sentimental fazia-me sentir mal pelo facto de ela ter sido enganada, mas *vinte minutos*? Eu cobrava 675 dólares à hora e acabara de perder 225 dólares à frente do raio da esquadra da polícia. Olhei uma última vez ao longo da rua e estava a ponto de regressar ao escritório quando vi um clarão de cor dobrar a esquina.

Verde. Eu sempre gostara de verde. Como poderia não gostar? Era a cor do dinheiro, da relva, daqueles sapos de olhos salientes que eu adorava perseguir em criança. Hoje, porém, acabara de elevar o apreço, a *predileção*, ao ver os seios da Emerie saltitarem por baixo da camisola. Para uma figurinha tão pequenina, tinha um bela prateleira, que, aliás, combinava na perfeição com aquele traseiro curvilíneo.

— Desculpa o atraso! — Estava ofegante, de casaco aberto e as faces rosadas, por ter percorrido o quarteirão a correr. Não estava com a mesma aparência da outra noite. A luz do sol refletia no seu cabelo cor de cobre, ondulado e solto, salpicando-o de pequenas partículas douradas. Ela tentou alisá-lo enquanto falava:

— Apanhei o comboio errado.

— Eu estava para me ir embora. — Baixei os olhos para o meu relógio e vi que ela tinha pequenas gotas de transpiração entre

os seios. Pigarreei e exagerei no tempo que estivera à espera. — Passaram 25 minutos. São 350 dólares.

— O quê?

Eu encolhi os ombros e mantive uma expressão impassível.

— Eu cobro 675 dólares à hora e tu fizeste-me desperdiçar mais de meia hora. São 350 dólares.

— Eu não tenho dinheiro para te pagar. Já te esqueceste de que estou falida? — disse ela, erguendo ambas as mãos, exasperada. — Depois de ter sido enganada no aluguer do teu elegante escritório, não devia ter de te pagar tanto dinheiro só porque adormeci.

— Calma. Estou a brincar contigo. — Fiz uma pausa. — Espera lá. Julgava que tinhas apanhado o comboio errado.

Ela mordeu o lábio com um ar comprometido e apontou para a porta da esquadra da polícia.

— Devíamos entrar. Já te fiz esperar o suficiente.

Eu abanei a cabeça.

— Tu mentiste-me.

Ela suspirou.

— Desculpa. Adormeci. Voltei a não conseguir pregar olho ontem à noite. Tudo isto me parece ainda um pesadelo.

Eu acenei com a cabeça e deixei passar a coisa, o que não era nada habitual em mim.

— Anda. Vamos lá ver se há alguma hipótese de eles apanharem esse tipo.

Quando entrámos na esquadra, o sargento que estava ao balcão, agarrado ao telefone, sorriu-nos e ergueu dois dedos. Depois de explicar a quem lhe estava a ligar que o roubo de circulares de supermercado era um assunto da responsabilidade do Inspetor do Departamento dos Correios dos Estados Unidos e não do Departamento de Polícia de Nova Iorque, estendeu a mão e inclinou-se sobre o balcão.

— Drew Jagger. O que te traz junto da ralé? Resolveste fazer uma visita à plebe, hoje?

Eu sorri e apertei-lhe a mão.

— Algo do género. Como vai isso, Frank?

— Nunca me senti tão feliz. Vou para casa à noite, não tenho de deixar os sapatos à porta, deixo a tampa da sanita para cima depois de mijar e uso pratos de papel para não ter de lavar nada. A vida de solteiro é ótima, meu amigo.

Eu virei-me para a Emerie.

— Este é o Sargento Frank Caruso. Mantém-me o negócio com a mesma facilidade com que muda de mulher. Frank, esta é a Emerie Rose e precisa de apresentar uma queixa. Por acaso o Mahoney está de serviço, hoje? Talvez ele a possa ajudar.

— Ele vai estar fora de serviço algumas semanas. Torceu um tornozelo a perseguir um suspeito, num caso de arrombamento e invasão de propriedade. Mas vou ver quem está no escritório e arranjo-lhe alguém competente. O que se passa? Problemas domésticos? O marido está a fazer-lhe a vida negra?

— Nada desse género. A Emerie não é minha cliente habitual. Arrendou um espaço no meu edifício há algumas semanas.

O Frank assobiou.

— Miúda bonita e rica arrenda um espaço em Park Avenue. És solteira, amor?

— Nunca mais aprendes a lição, velhote?

— O que é? Até agora só me tocaram tipas falidas e feias. Talvez o meu problema seja esse.

— Tenho a certeza de que o teu problema não é esse.

O Frank acenou displicentemente.

— E qual é o problema? O senhorio está a apertar com ela ou coisa que o valha?

— Ela arrendou o meu escritório por dois mil e quinhentos dólares por mês e pagou dez mil dólares adiantados. O problema é que não o arrendou ao senhorio. Foi enganada por um tipo que fingiu ser agente imobiliário, enquanto eu estava fora da cidade, e o meu escritório estava a ser remodelado.

— Dois mil e quinhentos dólares por mês, no teu edifício?

— Ela é de Oklahoma.

Ele olhou para a Emerie.

— Não jogam ao Monopólio em Oklahoma? Não percebeste que Park Place custa cinco vezes mais do que qualquer rua de Oklahoma?

Eu resolvi interromper o Sargento Espertalhão antes que este deixasse a Emerie pior do que ela já estava. Afinal de contas, eu também ridicularizara a sua capacidade de discernimento, na noite em que ela me surpreendera com aquele inesperado acolhimento. A pobre já tinha que lhe chegasse. O Frank deu-lhe um impresso para começar a preencher e levou-nos para uma sala sossegada, para esperarmos. De caminho, parei para cumprimentar um velho amigo, e a Emerie já tinha quase tudo preenchido quando me juntei a ela.

Ao fechar a porta atrás de mim, ela levantou os olhos e perguntou:

— Exerces direito criminal?

— Não. Apenas matrimonial.

— Todos os polícias parecem conhecer-te.

— Tinha um amigo que trabalhava nesta esquadra e os meus primeiros clientes foram polícias. Se és amigo de alguém com farda azul e fizeres um bom trabalho para um deles, fazes negócio com a esquadra inteira, e ainda te arranjam clientes. São um grupo unido. Pelo menos entre si. Mas, por motivos profissionais, também têm a taxa mais elevada de divórcios de toda a cidade.

Instantes depois, um detetive que eu nunca vira entrou na sala, recolheu o depoimento da Emerie e depois o meu. Quando terminou, disse que não precisava mais de mim e que eu podia ir-me embora se quisesse.

Não faço ideia por que razão continuava lá meia hora depois, enquanto a Emerie folheava o segundo calhamaço de fotografias de criminosos.

Ela virou uma página e suspirou.

— Custa a acreditar que tantos criminosos pareçam pessoas normais.

— Não lhe terias entregado tão facilmente dez mil dólares em dinheiro se o tipo te *parecesse* um criminoso, não é?

— Suponho que não.

Eu cocei o queixo.

— Afinal, onde trazias tu tanto dinheiro? Dentro de um saco de papel castanho cheio de notas de cem?

— Não. — O tom era defensivo, mas ela não adiantou mais nada, por isso fiquei a olhar para ela, à espera. Ela revirou os olhos.

— Está bem, ganhaste. Mas não era um saco de papel castanho. Era branco e tinha «Wendy's» impresso.

Eu franzi a testa.

— Wendy's? O restaurante de *fast food*? Tens mesmo um fraquinho por hambúrgueres, não tens?

— Guardei o hambúrguer que fora buscar para o almoço dentro da mala, e meti o dinheiro no saco porque não queria andar com ele nas mãos, no metro. Achei que era mais provável que tentassem roubar-me a carteira do que o almoço.

Tinha a sua razão.

— Bem pensado, para uma miúda de Oklahoma.

Ela olhou-me de olhos franzidos.

— Eu sou da cidade de Oklahoma e não da zona rural. Tu achas-me uma ingénua, incapaz de tomar decisões acertadas, só por não ser de Nova Iorque.

Foi mais forte do que eu:

— No entanto, tu entregaste dez mil dólares em dinheiro num saco da Wendy's a um falso agente imobiliário.

Ela parecia estar prestes a deitar um jato de vapor pelas orelhas. Felizmente, alguém bateu à porta, o que me livrou de mais uma descaça à moda de Oklahoma. O Frank enfiou a cabeça dentro da sala.

— Dá-me um minuto, doutor?

— Com certeza.

O Frank escancarou a porta, esperou que eu passasse e fechou a porta, antes de falar.

— Temos um pequeno problema, Drew.

Estava com a sua máscara de sargento, ao apontar para a porta da sala onde a Emerie estava.

— O procedimento regulamentar exige que se verifique o cadastro do queixoso.

— Sim. E depois?

— A nossa Oklahoma não está limpa. Tem um mandato pendente.

— Estás a brincar comigo.

— Quem me dera estar. O novo sistema informático obriga-nos a registar o motivo, quando introduzimos nome. O Detetive que recolheu o depoimento dela já tinha introduzido a informação de que ela estava aqui na esquadra. Já não é como antigamente. Agora tudo é monitorizável. Ela vai ter de tratar da questão do mandato. Eu vou sair de serviço dentro de uma hora. Se quiseres, eu faço a detenção e levo-a ao tribunal para responder às acusações, para não termos de a algemar. É uma intimação por falta de comparência em tribunal. Estou certo de que ela prestará declarações e resolverá o assunto facilmente.

— Qual é a acusação?

O Frank sorriu de forma trocista.

— Atentado ao pudor.

— Então, conta-me lá a história toda desde o início. — Estávamos sentados num banco, fora da sala de audiências, à espera de que as audiências da tarde comesçassem.

A Emerie baixou a cabeça

— Tenho mesmo de contar?

Eu menti-lhe:

— Terás de contar a tua história ao juiz, portanto eu terei de ouvir primeiro, como teu advogado.

Iria certamente ficar furiosa quando percebesse que uma intimação por falta de comparência em tribunal não exigia que se relatassem os acontecimentos em questão. Entraríamos, aceitaríamos as culpas, pagaríamos uma multa e estaríamos fora do tribunal daí a uma hora. Mas eu perdera o dia inteiro, por isso merecia divertir-me um pouco. Além disso, o lado ardente da personalidade dela agradava-me. Zangada ficava ainda mais sexy.

— Está bem, pronto. No verão, eu vim visitar a minha avó a Nova Iorque e conheci um tipo. Saímos algumas vezes e estávamos a ficar cada vez mais próximos e, essa noite específica de agosto estava extremamente quente e húmida. Eu acabara de terminar o liceu e nunca me tinha comportado de forma minimamente extravagante na minha terra, por isso, quando ele sugeriu que tomássemos banho nus, na piscina pública, eu pensei: *Porque não? Nunca ninguém vai saber.*

— Continua.

— Fomos à Y, na 82nd Street, que tem uma piscina descoberta, e saltámos a vedação. Estava tão escuro quando nos despimos que eu achei que o tipo não conseguiria sequer ver-me.

— Então sempre te despiste? De que cor eram o teu soutien e as tuas cuecas? — *Francamente.* Era doentio da minha parte estar a fazer-lhe aquele tipo de perguntas, mas a minha mente perversa estava a imaginá-la de tanga branca e soutien de renda a condizer.

Ela pareceu ficar apavorada.

— Precisas mesmo de saber tudo isso? Foi há dez anos.

— Preciso, sim. Quanto mais detalhes deres, melhor. Demonstrarás ao juiz que te lembras bem dessa noite e ele pensará que estás com remorsos.

Ela mordiscou a unha do polegar, pensativa.

— Brancos! Eram brancos!

Lindo.

— Fio dental ou cuecas?

Ela corou e tapou o rosto com as mãos.

— Fio dental. Oh, meu Deus, isto é tão embaraçoso!

— Será mais fácil se o explicares em detalhe agora.

— Está bem.

— Foste tu que te despiste ou foi o tipo que te despiu?

— Fui eu que me despi.

— OK. O que aconteceu a seguir? Conta-me todos os detalhes. Não omitas nada. Poderás achar que não é relevante, mas poderá ajudar no teu caso.

Ela assentiu.

— Depois de me despir, deixei as roupas amontoadas junto da vedação que trepáramos. O Jared — o tipo com quem eu estava — despiu-se, deixou a roupa dele junto à minha, subiu à prancha de saltos, e saltou para dentro de água, tipo bomba.

— E depois?

— Depois, apareceu a polícia.

— Tu ainda não estavas sequer na água? Não houve brincadeiras à volta da piscina, nem nada?

— Não. Eu nem sequer cheguei a entrar na piscina. Assim que o Jared veio à tona de água para respirar, vimos as sirenes.

Eu senti-me defraudado. Todo aquele suspense para nada? Nem uns apalhões para amostra? Antes que eu pudesse fazer-lhe mais perguntas, um oficial de justiça papagueou uma lista de nomes. Eu ouvi-o chamar pelo apelido Rose, por isso conduzi a Emerie para a entrada da sala de audiências onde ele estava com uma prancheta.

— Sala 132 ao fundo do corredor, à direita. A assistente do Ministério Público irá lá ter consigo para conversarem sobre o caso, antes de falar com o juiz. Espere cá fora. Ela chamará por si, quando for a sua vez.

Como eu sabia onde ficava a sala a que ele se estava a referir, conduzi a Emerie até ao fundo do corredor e sentámo-nos num banco, do lado de fora. Ela ficou em silêncio, por instantes, e só depois falou. Estava com a voz ligeiramente trémula como se estivesse a conter o choro.

— Lamento imenso tudo isto, Drew. Provavelmente devo-te uns cinco mil dólares pelo tempo que perdeste comigo, e não tenho sequer dinheiro para te pagar quinhentos.

— Não te preocupes com isso.

Ela tocou-me no braço. Eu tinha estado com a mão nas costas dela enquanto caminhávamos, e também a ajudara a sair do banco traseiro do carro patrulha em que o Sargento Caruso nos levara até ao tribunal, mas era a primeira vez que ela me tocava. E soube-me bem. *Com os diabos*. Eu não a conhecia bem, mas já conhecia o suficiente dela para saber que a Oklahoma não era mulher com quem se pudesse brincar muitas vezes. Tínhamos de despachar aquilo e sair dali para fora.

— A sério, lamento imenso e nem sei como te agradecer por me teres acompanhado hoje. Eu estaria de rastos se não estivesses aqui comigo. Arranjarei maneira de te pagar.

Ocorrem-me várias.

— Tudo bem. Não te preocupes com isso, a sério. Isto vai ser canja. Daqui a 20 minutos estaremos fora daqui.

Nessa altura ouviu-se uma voz do outro lado da porta:

— *Rose. Processo número 18493094. A Rose tem advogado?*

Deduzira que a advogada fosse a Assistente do Ministério Público. Eu não exercia direito criminal, a não ser uma ou outra multa de trânsito ou uma queixa de violência doméstica contra um cliente de divórcio preexistente com contactos importantes, mas a voz da mulher era-me vagamente familiar, embora não estivesse a conseguir situá-la... até abrir a porta.

Subitamente tornou-se extraordinariamente claro por que razão a voz me parecera familiar.

É que já a ouvira antes.

A última vez que a ouvira estava a gritar o meu nome, enquanto eu a possuía por trás, na casa de banho dos escritórios de uma firma de advogados concorrente.

Com tantos advogados no Condado de Nova Iorque, a assistente do Ministério Público tinha logo que ser a Kierra Albright.

Talvez *canja* não fosse propriamente o termo adequado para descrever a forma como tudo iria correr.

Quatro

Drew

Foda-se.

— Não estou a entender. O que se passa? — A voz da Emerie estava carregada de pânico.

E eu não a podia censurar por isso. Toda a gente sabe que as serpentes, os tigres e os tubarões são perigosos. Agora um golfinho, com aquele ar doce, absolutamente adorável? Tudo no seu canto nos transmite harmonia quando lhes fazemos festas na cabeça, mas basta ferirmos acidentalmente um deles para *sermos* atacados. É verdade. O meu passatempo preferido, para além de foder e trabalhar, é ver o National Geographic.

A Kierra Albright é um golfinho e acabara de recomendar 30 dias de prisão ao juiz, em vez da multa que nos disse que sugeria, há menos de meia hora.

— Dá-me um minuto. Senta-te na galeria. Eu vou buscar-te dentro de pouco tempo. Preciso de falar a sós com a Assistente do Ministério Público.

A Emerie acenou com a cabeça, embora parecesse estar à beira de um ataque de lágrimas, por isso esperei alguns instantes, até que ela recuperasse a compostura. Depois, abri o portão que separa os espetadores dos protagonistas em tribunal, e conduzi-a a uma fila de cadeiras vazias, ao fundo da sala. Quando ia começar a afastar-me, vi uma lágrima escorrer-lhe pelo rosto, o que me fez parar.

Sem pensar duas vezes, levantei-lhe o queixo para que ela me olhasse nos olhos.

— Confia em mim. Vais para casa hoje à noite, está bem?
Confia em mim.

Kierra assustou-se ao ouvir a minha voz na casa de banho das senhoras, do lado oposto da sala de audiências.

— Para que foi aquilo? — perguntei eu, trancando a porta, quando ela se virou para me encarar.

— Não podes entrar aqui.

— Se alguém perguntar, diz-lhes que hoje estou a identificar-me com o meu lado feminino.

— És um sacana.

— *Eu* é que sou um sacana? Então explica lá o que foi essa do «Prazer em ver-te, Drew. Vou recomendar uma multa de 50 dólares e estarás fora daqui ainda a tempo de jogares uma partida de golfe». Não foi isso que disseste?

Ela virou-me as costas e foi para junto do espelho. Tirou um batom do bolso do blazer do fato, inclinou-se para o espelho e pintou os lábios de vermelho-sangue. Não disse uma palavra até terminar, e depois, dirigiu-me o sorriso mais rasgado e luminoso desta vida:

— Achei que o teu novo brinquedo teria de se habituar a ouvir uma coisa e ver outra a acontecer-lhe, sem estar à espera.

— Ela não é o meu novo brinquedo. É uma... amiga que eu estou a ajudar.

— Eu vi a forma como olhaste para ela e a forma como lhe colocaste a mão nas costas. Se ainda não andas a fodê-la, deve estar para breve. Talvez ela tenha de passar uma noite na prisão municipal devido à tua falta de controlo na sala de audiências. Talvez isso a desencante do teu charme. Agora que penso no assunto, acho até que estou a prestar-lhe um favor. Ela devia agradecer-me.

— Se achas que eu vou permitir que te safes desta, não estás boa da cabeça. A Emerie não tem nada que ver com o que se passou entre nós. Pedirei ao juiz Hawkins que se retire do caso, se necessário.

— Retirar-se do caso? Com que fundamento?

— Com o fundamento de que o teu pai joga golfe com ele todas as sextas-feiras, e de que ele faz tudo o que tu queres, como tu própria me disseste. Ou será que já te esqueceste de que adoravas falar de trabalho, depois de eu te foder?

— Não te atreverias a fazê-lo.

Eu mantivera-me à distância, em frente à porta trancada, a uns três metros dela, mas caminhei lentamente ao seu encontro, e estávamos agora bem perto um do outro.

— Põe-me à prova.

Os seus olhos demoraram-se nos meus.

— Muito bem. Façamos isto como dois bons adversários; sem golpes baixos. Faremos um acordo.

Eu abanei a cabeça.

— O que queres, Kierra?

— Tu queres que a tua cliente vá para casa hoje à noite e eu quero algo em troca.

— Muito bem. O que queres?

Ela passou a língua húmida pelo lábio superior, como se estivesse esfomeada a olhar para um bife suculento.

— Quero-te a ti, e não numa casa de banho, nem no banco traseiro de um *Uber*. Quero um encontro a sério. Quero que saias comigo, que me dês de beber e de comer, antes do 69.

— Oh, meu Deus, não sei como te agradecer.

— Vamos pagar a multa e sair daqui.

Ao sair apressadamente da sala de audiências com a Emerie, esta pareceu deduzir que a minha pressa tivesse a ver com o facto de me estar a ocupar grande parte do dia. Mas não era, de todo, isso. Quase conseguíramos sair quando a Kierra nos chamou.

— Drew, tens um minuto, por favor?

— Agora não. Tenho de ir para outro sítio. — *Qualquer outro sítio, que não este.*

Mantive a mão encostada às costas da Emerie e continuei a andar, mas a minha cliente tinha outra ideia em mente e deteve-se.

— Temos de ir embora — disse eu.

— Deixa-me, pelo menos, agradecer à Assistente do Ministério Público.

— Não é necessário. A cidade de Nova Iorque costuma agradecer-lhe com um cheque, sexta-feira sim, sexta-feira não.

A Emerie dirigiu-me um olhar repreensivo.

— Lá porque tu és indelicado, não quer dizer que eu vá ser também. — Dito isto, virou-se e esperou que a Kierra viesse ao nosso encontro.

Estendeu-lhe a mão.

— Muito obrigada por tudo. Fiquei de rastos esta manhã quando pensei que poderia ficar sob custódia.

A Kierra olhou desdenhosamente para a mão da Emerie e virou o corpo na minha direção, dirigindo-se a mim, ao responder-lhe:

— É ao seu advogado que tem de agradecer e não a mim.

— Sim. É o que farei.

— Mas não lhe agradeça demasiado. Não o quero esgotado. — Kierra deu meia volta e acenou por cima do ombro.

— Eu ligo-te para marcarmos o nosso encontro, Drew.

A Emerie olhou para mim.

— Aquilo foi estranho.

— Deve ter parado de tomar a medicação. Anda lá, vamos embora daqui.

Quando pagámos a multa e levantámos as cópias da revogação do mandato, eram quase quatro horas da tarde.

Lá fora, nos degraus do edifício do tribunal, ela virou-se para mim:

— Espero que não sejas avesso a demonstrações públicas de afeto, pois preciso de te dar um abraço.

Na realidade, eu não era grande adepto desse tipo de demonstrações, mas enfim, ninguém me pagaria por aquele dia perdido,

portanto, o melhor seria tirar algum partido dele, e aqueles seios arrebitados, espremidos contra mim, eram, sem dúvida, melhor do que nada, talvez até melhor do que um dia inteiro pago a 675 dólares à hora.

— Já que tanto insistes.

O sorriso dela foi, talvez, dos melhores que alguém jamais me dirigira. Seguiu-se o abraço... E foi longo. O peito e aquele corpinho flexível a envolveram-me num abraço que ia muito além da mera cortesia. Além disso, ela cheirava bem.

Quando recuou, manteve as mãos sobre os meus braços.

— Vou pagar-te o dia de hoje, nem que demore anos.

— Não te preocupes com isso.

— Não. Estou a falar a sério.

Ficámos mais alguns minutos a conversar, trocámos números de telemóvel, para o caso de surgir alguma entrega endereçada a ela, e despedimo-nos. Ela ia para a alta da cidade e eu para a baixa, por isso seguimos em direções opostas. Eu dei alguns passos e olhei por cima do ombro, para observar os movimentos do seu rabo. Pareceu-me tão sexy ao afastar-se, como quando chegara.

O que me deixou a pensar... Devia ficar ainda mais incrível quando se *vinha*. Quando ia a virar-me de novo para a frente, a Emerie voltou-se e apanhou-me a observá-la, dirigiu-me um grande sorriso, acenando uma última vez, antes de desaparecer na esquina.

Ah, mas eu queria mesmo que ela me pagasse o dia de hoje.

E ocorriam-me várias formas de lho cobrar.

O que dizer de Drew Jagger? É presunçoso, egocêntrico e arrogante...

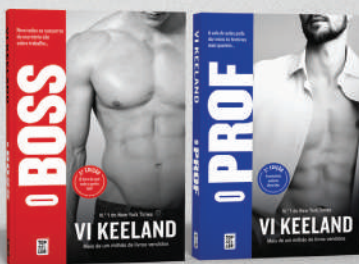
Eu estava bastante satisfeita com o meu novo consultório, que arrendei em pleno centro da cidade, até que o Drew apareceu. Foi uma confusão! Pensei que ele era um assaltante e tentei atacá-lo, até que ele, calmamente, me esclareceu: *eu* é que estava no escritório *dele*. Ou seja, descobri que tinha sido enganada.

O Drew achou piada à situação e à minha ingenuidade (assim como a outros dos meus... atributos), e propôs um acordo irrecusável: partilharmos o espaço até eu encontrar um novo, e em troca eu atenderia os telefonemas dele. Nem parece mau, pois não?

O problema é que juntos somos a receita ideal para o desastre. O Drew é advogado especialista em divórcios —cínico, convencido e estupidamente sexy—, e eu sou conselheira matrimonial, interessada em salvar os casamentos que ele quer ajudar a desfazer. As discussões entre nós são tórridas e as diferenças mais do que óbvias. A única coisa que nos une é o espaço que partilhamos... E uma atração cada vez mais louca e incontrolável.

... mas confesso: não consigo deixar de pensar em como será beijar aqueles lábios tentadores!

Leia também os divertidos romances de escritório da mesma autora:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8917-28-7



9 789898 917287

Romance Erótico